

A imagem do negro sobre si mesmo: resultados da colonização em “Como fazer amor com um negro sem se cansar” de Dany Laferrière

RESUMO: Esse texto propõe uma reflexão q respeito do pensamento do negro sobre si mesmo por meio da análise de trechos do capítulo “Como uma flor na ponta do meu pau negro”, do livro “Como fazer amor com um negro sem se cansar” do escritor haitiano Dany Laferrière, a luz da teoria pós-colonial, especialmente do exposto no livro “Pele negra máscaras brancas”, escrito pelo martinicano Frantz Fanon. Ambos tratam das relações entre raças, o primeiro sob uma perspectiva literária e o segundo por meio de análises psiquiátricas do efeito do colonialismo nos colonizados. Analisar o livro de Laferrière sob a perspectiva pós-colonial tornou possível identificar traços do arsenal de preconceitos derivados da colonização, que fazem o negro desejar tornar-se branco, como se houvesse um tipo de racismo de si mesmo. O conceito de racismo utilizado foi o descrito por Albert Memmi (1977), que o define como um conjunto de condutas que são aprendidas tanto por negros como por brancos desde a infância. O desejo de branqueamento evidenciado nas obras de Laferrière e de Fanon é consequência dessas condutas racistas, portanto, é compreensível que ele exista, contudo, é necessário que o próprio negro se posicione e empreenda uma mudança na sociedade.

Palavras-chave: Frantz Fanon. Racismo. Albert Memmi. Dany Laferrière.

INTRODUÇÃO

O livro **Como fazer amor com um negro sem se cansar** (*Comment faire l'amour avec un negre sans se fatiguer*) é o primeiro romance publicado pelo escritor Dany Laferrière, renomado autor haitiano francófono que recebeu o Prêmio Médicis em 2009 por sua obra “L'énigme du retour”, essa honraria francesa é concedida a escritores literários cujo grande talento ainda não corresponde a sua fama, além disso no ano de 2013 o autor foi eleito para ocupar a segunda cadeira da Academia Francesa, importante instituição composta por pessoas proeminentes em assuntos relacionados ao idioma francês.

A obra “Como fazer amor com um negro sem se cansar” tem caráter autobiográfico e conta a história de dois jovens negros, pobres, desempregados e sem origem definida, que passam o dia ouvindo Jazz, lendo o Corão, bebendo vinho, namorando garotas brancas e elaborando teorias malucas sobre Freud e Alá. Os dois compartilham uma quitinete humilde no centro de Montreal, em uma época de verão da década de 1970. Velho, como é chamado por seu amigo, é um jovem que passa boa parte de seu tempo escrevendo em sua máquina Remington, enquanto seu companheiro Buba gasta seus dias dormindo em um divã judiado. O



romance chama atenção para a forma como o racismo é tratado, com muita ironia, aspecto que de acordo com PAULA (2006)

[...] proporciona uma sensação de superioridade e reverte a habitual posição de ser considerado inferior, ingênuo, primitivo, elevando sua auto-estima. A capacidade de rir, de si e do Outro, é poderosa, pois transforma certas situações que poderiam gerar sentimentos destrutivos, de autopiedade, medo ou inferioridade em prazer, e assim distancia o sujeito que sofre de seu mal. [...] a ironia exerce um papel fundamental na escrita de Laferrière (p. 409).

Assim, apesar do tema central do livro ser algo que geralmente é tratado com muita seriedade, o autor o subverte e ao ironizá-lo faz o leitor refletir a respeito, mas sem militância ou vitimismo, e sim com muito bom humor. Tal como o protagonista, as personagens femininas também não têm seus nomes revelados e recebem sempre apelidos baseados em suas principais características, tais como Miz Literatura, Miz Sophisticated Lady, Miz Suicida, Miz Sundae.

O presente trabalho tem como objetivo analisar trechos do capítulo intitulado “Como uma flor na ponta do meu pau negro”, que evidenciam a forma como o personagem negro pensa sobre si mesmo, e em seguida investigá-los sob a perspectiva do discurso pós-colonial a luz do que é discutido no livro “Pele negra máscaras brancas” de autoria do escritor Frantz Fanon, que aborda o racismo como algo que foi gerado socialmente, no qual a figura do negro é uma construção do colonialismo que influencia na forma de pensar de ambas as raças. O autor leva o leitor a pensar sobre os efeitos da colonização, que vão além do aspecto econômico e material e entram no âmbito epistemológico. Um dos objetivos do livro é “descobrir as diferentes posições que o preto adota diante da civilização branca” (FANON, 2008, p. 29), bem como sob o ponto de vista do que é debatido sobre racismo na obra “Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador” de Albert Memmi, que versa sobre os mecanismos de opressão da colonização e esclarece o leitor ao trabalhar de forma detalhada as características dos protagonistas do processo de colonização.

O racismo, tema signifiicante na obra de Laferrière, pode ser conceituado como uma “forma de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tratadas como naturais” (GUIMARÃES, 2005, p. 11). Assim, os racistas usam as distinções de cores, de origem nacional, de etnia e também econômicas para atribuírem uma série de estereótipos negativos e justificarem as atrocidades cometidas durante o período colonial, especialmente



aos descendentes de africanos escravizados, e atualmente essas diferenças são utilizadas para fundamentar a intolerância. O racismo existe desde a antiguidade e está presente na sociedade até os dias de hoje, e no Brasil atual a discriminação é evidente quando se trata particularmente dos haitianos que migraram durante o começo desse século, de acordo com Cotinguiba & Cotinguiba-Pimentel (2015, p. 550) “a imigração haitiana para o país é um fenômeno social que entra em contato com a herança perversa do racismo, que muitos insistem em negá-lo, enquanto muitos alegam sofrerem suas consequências cotidianamente”, diante disso, estudar a obra em questão se faz relevante para compreender como os imigrantes negros se sentem diante das situações de discriminação que sofrem nas nações para onde migraram.

Contudo, o racismo parece ser quase onipresente e suas características são perceptíveis até mesmo em países de pessoas majoritariamente negras, tal como destaca Franck Seguy ao tratar sobre a migração de haitianos para o Brasil:

Os primeiros migrantes não demoraram para se espalhar pelo mundo, sobretudo em direção não habitual – o Brasil, por exemplo. Hoje já são mais de 38,000 haitianos a entrarem pelas fronteiras brasileiras sem documento, com a “ajuda” de coíotes e outros aliciadores [...] O racismo com o qual se deparam no “país de todos” que é o Brasil é, para dizer o mínimo, espantoso. O que menos se fala, entretanto, é que uma expressão ainda maior desse racismo vigora dentro do próprio Haiti (2015, p. 522).

Sendo o Brasil e o Haiti países que sofreram com a colonização por parte dos europeus, e que receberam um grande contingente de escravos de cor negra, oriundos do continente africano, é possível inferir que boa parte, se não a maioria, da população de ambos seja descendente daqueles que foram escravizados pelos brancos. O Brasil é conhecido popularmente como uma nação mesclada, mista, mestiça; já o Haiti é a primeira nação que conseguiu se libertar por meio de uma revolta daqueles que compunham a classe mais “baixa” na sociedade da época, os escravos. Contudo, apesar disso o autor deixa claro que em pleno século XXI o racismo prevalece extraordinariamente em ambas as nações.

Em consequência disso, dentre outros fatores, o racismo termina sendo uma experiência de vida aos homens de cor, o que é perceptível na obra de Laferrière e de Fanon, tendo em vista que a do primeiro autor é declaradamente autobiografia, e a do segundo



baseada em situações vividas em sua formação. A seguir, ao comparar brevemente a vida de ambos é possível compreender parte da abordagem do racismo de suas obras.

Laferrière e Fanon: autores notáveis em situação pós-colonial

Antes de dar início a análise é interessante destacar traços em comum na vida de Fanon e de Laferrière, considerando que ambos são negros e a temática do trabalho está relacionada a isso. O escritor Dany Laferrière nasceu em 1953 no Haiti e aos dezenove anos de idade teve que se exilar de seu país em consequência da perseguição empreendida pela ditadura de Jean-Claude Duvalier, apelidado de “Baby Doc”. Mudou-se para o Canadá onde trabalhou como operário e no ano de 1985 conseguiu publicar seu primeiro livro, que foi o responsável pelo início de seu sucesso. O título polêmico chamou a atenção da crítica, principalmente em virtude da sexualidade e das relações dos personagens com as mulheres brancas, alguns críticos classificaram sua obra até mesmo como pornográfica, entretanto seu principal foco é centrado nas relações entre as raças por meio do ato sexual.

Já o filósofo e psiquiatra Frantz Fanon nasceu na Martinica em 1925, período em que a ilha caribenha ainda era uma colônia francesa. Sua família era de classe média e pode pagar seus estudos na melhor escola do país onde ele teve como professor o notório autor e poeta Aimé Césaire. Durante a segunda guerra mundial a França foi invadida pelos nazistas e tropas da marinha francesa ficaram bloqueadas na Martinica onde instalaram um regime opressor e abusivo. Como consequência disso, ao fazer dezoito anos Fanon fugiu como dissidente da ilha caribenha e se alistou no exército francês. Quando os nazistas foram expulsos da França, o regimento que o autor lutou sofreu ordens de branqueamento e enviou todos os “não brancos” à Normandia para aguardarem por repatriação. Em 1945 ele retornou a Martinica e terminou seu bacharelado em Medicina, em seguida, foi para a França onde se especializou em psiquiatria. E em 1952, enquanto completava sua residência médica, ele lançou o livro “Pele negra máscaras brancas”, no qual analisa os efeitos psiquiátricos da colonização e da subjugação dos negros.

Ao comparar essa breve biografia dos autores, constata-se que ambos nasceram em ilhas caribenhas de população predominantemente negra. Verifica-se também que os dois se



exilaram de seus países em consequência de situações de opressão, o primeiro em virtude de uma ditadura instituída por um negro, e o outro por um regime implementado por soldados brancos de origem francesa. Em seguida, ambos fugiram para países de população preponderantemente branca, e provavelmente, sofreram com o racismo. Ambos os autores podem ser considerados vozes do exílio, por terem vivido e publicado suas obras em países onde nunca estiveram totalmente integrados, tal como descreve Bhabha (1998, p. 138) se encontram no mundo ambivalente do “não exatamente/não branco”. Eles viveram os resquícios da situação colonial na pele, literalmente,

O negro por si mesmo e os vestígios da situação colonial

No capítulo “Como uma flor na ponta do meu pau negro” do livro “Como fazer amor com um negro sem se cansar”, o protagonista se questiona sobre a existência de uma psicanálise possível da alma negra, como se observa no excerto

[...] Eu pergunto ao senhor, Dr. Freud. Quem poderia compreender o dilaceramento de um Negro que quer a qualquer preço tornar-se branco, sem romper com suas raízes? Será que você conhece um branco que deseja, assim, de repente, tornar-se Negro? (Laferrière, 2012, p. 68)

O trecho evidencia o desejo do personagem principal em tornar-se branco. Essa questão racial é um dos legados mais marcantes da colonização, considerando que uma série de estereótipos foram definidos, de acordo com Memmi (1977, p. 77), por meio de uma mitificação das características dos colonizados, a qual lhes concedeu os mais variados adjetivos, tais como o de preguiçoso, incapaz de cuidar de si mesmo e de sua nação, miserável, selvagem e ingrato com o colonizador. Por vezes, esses atributos são absorvidos pelo colonizado, que chega a se questionar se o colonizador tem de fato a razão e por isso deve gozar de uma diversidade de vantagens. O homem negro ao desejar tornar-se branco intenta livrar-se dos traços que lhes foram impostos pela colonização, a cor não é o fator mais importante, mas sim, as vantagens que tornar-se branco pode lhe conferir.

Fanon, ao analisar as questões raciais sob a perspectiva psiquiátrica, propõe uma libertação do negro dos arsenais gerados no seio da situação colonial (FANON, 2008, p. 44). No primeiro capítulo de “Pele negra máscaras brancas”, intitulado “O negro e a linguagem”,



Fanon relata uma situação em que um padre branco fala com um negro como se ele fosse um selvagem dizendo “Você porque deixar grande savana e vir com gente?”, e o negro o responde em um perfeito francês provando que se apropriou adequadamente da língua do colonizador. O autor diz que essa situação é comum aos negros que residem na França, e que ao falar dessa forma a intenção do homem branco é a de colocar o negro em “seu devido lugar”, em sua posição de selvagem e de inferioridade, tratando-o como se fosse um bárbaro, pois para os que se encontram na posição dominante na hierarquia das raças, o homem negro “não tem cultura, não tem civilização, nem um longo passado histórico” (FANON, 2008, p. 46). Esse é tratado como um objeto, o colonizador o reduz o homem de cor a uma condição não humana para justificar a dominação.

Diante da situação relatada por Fanon, é compreensível que o negro manifeste o desejo tornar-se branco, afinal, apesar das características conferidas pelo colonizador serem mentirosas e terem como objetivo justificar a dominação, elas perseguirão o personagem em todas as suas relações sociais, tendo em vista que “é significativo que o racismo faça parte de todos os colonialismos, em todas as latitudes. Não é uma coincidência: racismo resume e simboliza a relação fundamental que une colonialista e colonizado” (Memmi, 1977, p. 68), assim, mesmo que o protagonista da obra de Laferrière seja de origem desconhecida, não confirmada, este manifesta o fenótipo de um homem de raízes africanas, o que para o mundo branco, de grandes conquistas e dominante, é suficiente para colocá-lo em posição inferior. Enfim, o racismo pode ser considerado uma espécie de elo que une colonizador e colonizado, e que perpetua a relação de hierarquização entre eles. Mesmo em uma sociedade na qual, no geral, a mulher é tratada como um ser inferior ao homem, quando se trata da mulher branca a cor lhe confere um patamar superior ao negro, na escala das raças ela se encontra abaixo do branco e acima do homem de cor, sendo esse último aquele que tem a obrigação de a satisfazer sexualmente. Ela o transforma, então, em um objeto.

O racismo está intimamente ligado aos processos de colonização e as marcas da escravidão refletem na sociedade até os dias atuais, isso pode gerar até mesmo uma espécie de “racismo de si mesmo”, pois o negro ao internalizar e tomar como verdade as acusações negativas do colonizado, pode desejar ser diferente e libertar-se dos estereótipos cravados em prol da dominação ocidental. Para Memmi (1997) racismo pode ser definido como um



Conjunto de condutas, de reflexos adquiridos, exercícios desde a primeira infância, valorizado pela educação, o racismo colonial está tão espontaneamente incorporado aos gestos, às palavras, mesmo as mais banais, que parece constituir uma das mais sólidas estruturas da personalidade colonialista. (p. 69)

O trecho do texto de Memmi evidencia que o racismo é algo adquirido socialmente desde a infância e que está quase que onipresente nas condutas da sociedade, é possível que não somente o branco aprenda desde cedo esse comportamento, mas que os negros também devem sofrê-lo já muito pequenos, fato que contribui para que esse pensamento seja absorvido e perpetuado por eles, deixando-os mais suscetíveis a se sentirem inferiores. Com essa atitude racista, o colonizador tomou não somente as terras, o corpo, a cultura e as riquezas do colonizado, mas também a condição de ser humano, logo, tornar-se branco, possibilitaria ao personagem de Laferrière sair da categoria de selvagem que lhe foi imposta.

Após questionar-se sobre o branco querer tornar-se negro, Laferrière prossegue dizendo que “Talvez existam alguns, mas é por causa do ritmo, do jazz, da brancura dos dentes, do bronzeado eterno, do *fun* negro, da risada aguda. Falo de um branco que quisesse ser negro, só por ser”. (2012, p. 68). O trecho destacado salienta e reforça o estereótipo do colonizado preguiçoso, pois os aspectos relatados pelo autor que poderiam ser desejáveis em um negro estão todos ligados ao lúdico, como se o homem de cor vivesse somente para se divertir e curtir a vida. Depois o escritor fala sobre a possibilidade de um branco querer ser negro sem nenhuma razão. É possível que exista, seria inclusive interessante que os brancos pudessem sentir na pele o racismo que eles mesmos propagam, entretanto as vantagens de tornar-se negro não são suficientes para suprir os privilégios que um homem de cor poderia obter ao transformar-se em branco em uma sociedade racista. É óbvio que nem todos os brancos são preconceituosos, e os que são, da mesma forma que os negros, o são em consequência de todo um arsenal social que estigmatiza e perpetua o sofrimento daqueles que são descendentes de africanos.

Adentrando mais um pouco no capítulo de Laferrière, o personagem Velho diz

Eu queria ser branco. Bom, digamos que não de uma maneira totalmente desinteressada. Gostaria de ser um Branco melhorado. Um branco sem complexo de Édipo. [...] Se eu me tornasse, de repente, Branco, aqui, só por querer, o que aconteceria? Não sei. A questão é muito séria para fazer suposições. Eu veria os negros nas ruas e saberia o que eles pensam quando



veem um branco. Eu não gostaria, de forma alguma, que alguém me olhasse com tanta cobiça nos olhos. (2012, p. 68)

Apesar da ambição em tornar-se branco, não há características de sentimento de inferioridade, afinal, de acordo com o trecho destacado, um branco que sabe como é ser negro tem uma consciência diferente, a vontade de ser branco provém simplesmente das vantagens que isso poderia proporcionar na sociedade. O autor assume a seriedade da questão e trata como coletivo o desejo pelo branqueamento, ou seja, ele não é o único negro que se sente dessa forma, afinal, o racismo é uma herança da colonização e abrange todos aqueles que são herdeiros dos que foram subjugados no período colonial, tal como afirma Memmi (1997)

Toda opressão, na verdade, visa globalmente um agrupamento humano, e, a priori, todos os indivíduos enquanto membros desse grupo são por ela atingidos anonimamente. [...] A acusação racista, levantada contra os colonizados, só pode ser coletiva, e todo colonizado sem exceção deve por ela responder (p. 71).

As considerações de Memmi confirmam a coletividade do desejo exposto em Laferrière, tendo em vista que todas as pessoas de cor sofrem com o racismo derivado do colonialismo, então é possível e compreensível que todas manifestam a vontade de se verem livres desse estigma, dessas características de subalternidade que lhe foram conferidas injustamente, como se o branqueamento fosse a solução de todos os seus problemas. Fanon (2008, p. 95) ao analisar um sonho de um negro que vira branco em seu laboratório de psicanálise, constata que para que um homem de cor manifeste esse tipo de desejo ele deve viver em uma sociedade que possibilite o complexo de inferioridade do homem negro, e que afirme a superioridade da raça branca, causando-lhe dificuldades e gerando neuroses. Diante disso, é possível supor que a sociedade canadense dos anos 1970, apesar de multicultural, sustentava a supremacia da raça branca e que o sentimento manifestado pelo protagonista da obra de Laferrière é resultado natural desse fator. Ao prosseguir com a análise, Fanon diz que o desejo pelo branqueamento é uma reação do subconsciente, e que aqueles que o manifestam devem se conscientizar para agir e contribuir com a mudança das estruturas sociais, pois, se o próprio negro não deixar essa posição e tomar uma postura que questione esse estigma social, nada irá mudar. Em outras palavras, a libertação das amarras impostas pelo colonialismo deve partir principalmente do próprio colonizado.

Ao relacionar o trecho supracitado da obra de Laferrière com uma anedota do livro de Fanon, presente no início do capítulo “O homem de cor e a branca”, percebe-se que o autor ilustra como a relação sexual com mulheres brancas permite ao homem de cor negra a sensação de branqueamento, segue o trecho em questão

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco.
Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco.
Ora — e nisto há um reconhecimento que Hegel não descreveu — quem pode proporcioná-lo, senão a branca? Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco.
Sou um branco.
Seu amor abre-me o ilustre corredor que conduz à plenitude...
Esposo a cultura branca, a beleza branca, a brancura branca.
Nestes seios brancos que minhas mãos onipresentes acariciam, é da civilização branca, da dignidade branca que me aproprio. (FANON, 2008, p. 69)

Ao finalizar a anedota o autor afirma que a premissa exposta por ela é autêntica, tendo em vista que já foi incorporada pelo folclore da comunidade negra. Esse trecho demonstra que a relação sexual com uma mulher branca é uma forma do homem negro adentrar na cultura do branco e se apropriar momentaneamente das vantagens que isso pode propiciar. Ao se relacionar com uma branca, ele se liberta de todos os estereótipos racistas impostos pela sociedade e eleva-se a uma condição mais humana. Há uma missão além do desejo nessa relação, ela auxilia o negro a melhorar sua autoestima. Isso também fica evidente no trecho em que o protagonista do livro de Laferrière diz “Quero trepar com sua identidade. Levar o debate racial até suas entranhas. Você é um negro? Você é uma branca? Eu te como. Você me come. Não sei o que você pensa no fundo de você mesma quando trepa com um Negro. (2012, p. 70). Dessa forma, o personagem principal utiliza o sexo como uma estratégia da explosiva guerra entre as raças, ele quer penetrar no íntimo da identidade de moça branca, rica, inglesa, derivada de opressores, a fim de levar ao fundo os conflitos raciais, contudo é misterioso o pensamento da branca ao subverter os padrões e manter relações sexuais com um negro.

Sobre esse tema o protagonista prossegue o capítulo relatando que após o ato sexual, a moça cai no sono, contudo após um tempo ela acorda assustada, afirmando que havia ratos no



ambiente, mas para o personagem essa não é a verdadeira razão do incômodo da moça, tendo em vista que dormir com um homem negro representa:

Perigo de osmose. Perigo da verdadeira comunicação. O que era uma simples trepada erótica de repente pode se tornar... Já aconteceu de jovens brancas, anglo-saxônicas, protestantes, dormirem com um negro e acordarem no dia seguinte em baixo de um baobá, no meio da savana discutindo os negócios do clã com as mulheres do vilarejo. (LAFERRIÈRE, 2012, p. 72)

Em síntese, a mulher branca que dorme com um negro corre o risco de tornar-se algo semelhante a uma negra, afinal adormecer com um homem seria entregar-se totalmente a intimidade, entretanto constituir esse tipo de relacionamento com um negro e corresponderia a “rebaixar-se”, e dada a sua atitude parece que compartilhar o sono com um homem de cor, um momento de sossego e fragilidade, é mais asqueroso que procurar um rato no meio da madrugada. Esse comportamento confirma a ironia da situação, ao mesmo tempo em que o negro a domina na relação sexual, ele confirma o preconceito que sofre com a conduta de sua parceira após o ato.

Sobre o desejo de branqueamento do homem de cor, a proposta de Fanon é fazer o negro se libertar desses fantasmas oriundos da colonização, ele prossegue no capítulo supracitado analisando o romance *Un homme pareil aux autres* de autoria do escritor martinicano René Maran, que conta a história de Jean Veneuse, um homem negro e antilhano que foi enviado muito jovem para estudar na França. Esse personagem apresenta o comportamento descrito pela anedota, entretanto, diferente do aspecto sexual ele realmente ama uma mulher branca. Mas, para que ele possa usufruir desse amor ele pede a permissão de um homem branco por meio de uma carta, e esse lhe responde favoravelmente, alegando que Veneuse é diferente de seus companheiros de cor, pois foi educado e comporta-se como um branco, e está assim liberto da condição selvagem daqueles que residem em seu país de origem. Entretanto, ele mesmo não consegue escapar de sua cor, está preso em sua casca negra, e por isso, se sente incapaz de viver seu amor mesmo que ele seja correspondido e permitido por um branco.

Em seguida, Fanon (2008, p. 80) conclui que o comportamento de Veneuse não deve ser estendido a todos os homens negros, que Veneuse não é igual aos outros. O personagem é apenas um neurótico aprisionado em um corpo de negro, e invocar sua cor é apenas uma



tentativa de mascarar sua estrutura psíquica, pois ele apresentaria esse comportamento independente dela. Ele conclui o capítulo dizendo que é compreensível que a sociedade tenha influência na neurose dos negros nesse pensamento de inferioridade de si mesmo que eles podem apresentar, mas que parte disso é proveniente da própria pessoa, afinal, ao tomar consciência, o negro pode escolher sentir-se um ser humano abaixo do branco na hierarquia racial, ou simplesmente se considerar tão humano quanto e agir ativamente para que a sociedade mude.

Já o personagem principal da obra de Laferrière parece ter consciência de sua condição na hierarquia racial imposta pela sociedade, por isso quando deseja ser de outra cor pensa em ser um “branco melhorado”, pois será um ser com consciência de ambas as raças, se livrará dos estigmas de ser negro e não apresentará um complexo característico da cultura branca. Mas ao final ele pondera, não quer que negros o olhem com tanta cobiça. Essa tomada de consciência pelo personagem pode ser relacionada com a conclusão de Fanon, ao dizer que o negro deve agir para mudar o arsenal de preconceitos da sociedade, espera-se então que Velho aja para além de suas relações carnais com as mulheres brancas e demonstre sua inteligência, seu talento, de forma a quebrar com os estereótipos e demonstrar para si mesmo que é tão humano como qualquer outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das situações expostas na obra de Laferrière, pode-se afirmar que é necessário descolonizar o negro, libertá-lo das amarras que ainda o prendem em pensamentos oriundos do período colonial. Contudo, essa tarefa é árdua e, apesar do escritor haitiano negar a condição pós-colonial de suas obras (PAULA, 2006, p. 399), ele não escapa a herança colonial, pois, conforme afirma Hamilton (1999, p. 17)

O colonialismo, ao contrário do modernismo, traz logo à mente uma carga de significadores e referentes políticos e sócio-econômicos. Portanto, os antigos colonizados e os seus descendentes, mesmo com o fim do colonialismo oficial, avançam para o futuro de costas, por assim dizer.[...] os pós-colonialistas encaram o passado enquanto caminham para o futuro. Quer dizer que por mal e por bem o passado colonial está sempre presente e



palpável. [...] Os des-colonizados ainda têm que viver com a herança indelével do colonialismo”.

Em síntese, o desejo de branqueamento apresentado pelo personagem de Laferrière pode ser entendido como uma consequência dos aspectos sociais e preconceitos que foram perpetuados em virtude das práticas coloniais. O pensamento racista sobre si mesmo é compreensível, tendo em vista que isso é incutido desde a infância, tanto em brancos como em negros, e que está quase onipresente na sociedade. Para promover a mudança desse quadro, os descolonizados devem enfrentar um extenso arsenal de estereótipos para traçar um futuro no qual todas as raças sejam vistas simplesmente como humanas. Assim, o escritor pode encontrar na literatura uma forma de manifestação contra esses estigmas, e no caso de Laferrière, que provém do único país que alcançou a independência do colonizador por meio de uma revolta de escravos, este reproduz em sua obra um discurso crítico acerca das questões raciais, e por intermédio das relações sexuais que o personagem principal mantém com mulheres brancas, promove também um debate sobre a relação entre colonizador e colonizado, pois, na hierarquia das raças do mundo colonial a mulher branca é superior ao homem negro, essa é também opressora, pois o utiliza apenas como objeto de prazer e não como alguém ideal para constituir um relacionamento. Esse caráter de protesto está presente veementemente na literatura haitiana, acerca disso destacam-se os movimentos do indigenismo e negrismo que fortaleceram os elementos da cultura nacional do Haiti, especialmente a língua creóle e o Vudu. Por conseguinte, a respeito do pensamento do negro sobre si mesmo é relevante destacar o pensamento de Joseph Handerson (2015)

O discurso colonial se estrutura na demarcação das diferenças, em uma dinâmica maniqueísta na qual a inferiorização do colonizado/do negro implica, necessariamente, a valorização do colonizador/do branco apoiando-se na diferença do Outro e no repúdio de si mesmo. O Outro, colonizado, jamais foi visto em sua diferença, mas em seu desfalque; em sua ausência de semelhança criou-se um impasse identitário que parece estar longe de chegar ao fim. (p. 544)

Percebe-se que o discurso colonial é focado na diferença e não na semelhança, perpetuando, assim, a valorização das características do colonizador em detrimento das apresentadas pelo colonizado, o que o faz repudiar a si mesmo e a glorificar aquilo que é destacado no dominante. Infere-se, dessa maneira, que a identidade daquele que foi submetido



às atrocidades coloniais é compenetrada pelo sentimento de inferioridade, propiciando assim um ambiente social que favoreça o desenvolvimento das neuroses descritas por Fanon.

Outro aspecto que deve ser destacado é o de que a ironia empregada pelo personagem Velho no livro de Laferrière, sem eufemismos amenizadores e divertidamente crua, pode ser uma estratégia destinada a desqualificar o racismo, pois, a partir do momento em que o protagonista assume para si o desejo de usufruir dos privilégios que a cor branca propicia, ele reconhece que há um problema e que essa situação precisa de alguma forma ser modificada, que as pessoas necessitam de uma reflexão sobre essa questão e de atitudes efetivas para tentar melhorá-la, tornando possível a proposta de Fanon de transformar a relação entre as raças em algo sadio e proveitoso, por meio de mudanças em suas atitudes cotidianas.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. 5. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010. Tradução de: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves.
- COTINGUIBA, Marília Lima P.; COTINGUIBA, Geraldo Castro. Etnicidade em movimento: em busca de critérios étnico-descritivos na mobilidade haitiana pelo Brasil. **Educere Et Educare -Revista de Educação**, Cascavel, PR, v. 10, n. 20, p. 549-562, jul./dez. 2015.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2008. Tradução de: Renato da Silveira.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Editora 35, 2005.
- HAMILTON, Russell G. **A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial**. Revista Via Atlântica, São Paulo, nº 3, 12-23. 1999.
- HANDERSON, Joseph. Diásporas Negras No Contexto Pós-Colonial: Dialogando Com Intelectuais Haitianos. **Educere Et Educare -Revista de Educação**, Cascavel, PR, v. 10, n. 20, p. 537-548, jul./dez. 2015
- LAFERRIÈRE, Dany. **Como fazer amor com um negro sem se cansar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012. Tradução de: Heloísa Moreira e Constança Vigneron.



MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. Tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho.

PAULA, Irene de. **A descolonização simbólica do negro da diáspora: ironia e fantasma em Dany Laferrière**. Revista Brasileira do Caribe, vol. VI, núm. 12, jan. - jun., 2006, pp. 397-418

SEGUY, Franck. Racismo E Desumanização No Haiti. **Educere Et Educare -Revista de Educação**, Cascavel, PR, v. 10, n. 20, p. 521-536, jul./dez. 2015.

The black image of himself: colonization results in "How to Make Love to a Negro without getting tired" of Dany Laferrière

ABSTRACT: This text proposes a reflection of thought of the black man about himself through analysis of parts of the chapter "Like A Flower Blossoming At The End Of My Black Rod," of the book "How To Make Love To A Negro Without Getting Tired" written by Haitian author Dany Laferrière. Under the light of postcolonial theory, especially the exposed in the book "Black skin white masks", written by the Martinique-born Frantz Fanon. Both deal with the relations between the races, the first in a literary perspective and the second by psychiatric analysis of the effect of colonialism in colonized. Analyze the book of Laferrière under the postcolonial perspective made it possible to identify traces of the arsenal of prejudices derivative of colonization, which make the black men wish to become white, as a kind of racism of his own color. The concept of racism used in this text was the one described by Albert Memmi (1977), which defines it as a set of behaviors learned by blacks and by whites since childhood. The desire of bleaching evidenced in the works of Laferrière and Fanon is a result of these racist behaviors, so it is understandable that it exists, however, it is necessary to that the black people themselves perform a change in society.

Key-words: Frantz Fanon. Racism. Albert Memmi. Dany Laferrière.